

# **Para escapar à extinção: experiências de conexão humano- natureza em encontros Rainbow<sup>1</sup>**

**Jacques Mick**

Lastro, PPGJOR / UFSC, PPGSP / UFSC

**Noa Cykman**

Universidade da Califórnia, Santa Barbara

<sup>1</sup> Versão anterior do texto foi apresentada como conferência no Estágio Intensivo Master Europhilosophie/UNILAB: Seminário Filosofias no Sul Global e no 2º Encontro de Geofilosofia, em São Francisco do Conde (BA), em 2019.

## **Para escapar à extinção: experiências de conexão humano-natureza em encontros Rainbow**

### **Resumo**

O artigo reflete sobre modos de integração do ser humano à natureza alternativos à separação típica da modernidade e originária da crise socioecológica atual. A discussão se dá a partir da observação de encontros Rainbow, que reúnem viajantes em recintos naturais, durante um ciclo lunar (28 dias), em diversos países, para experimentar uma vida orientada à paz e ao equilíbrio com a Terra e com o cosmos. O artigo esboça imagens de uma subjetividade humana que busca tornar-se progressivamente igual à natureza, ao orientar a experiência segundo as características dos elementos naturais. Terra, água, ar e fogo, tomados como eixos de análise no artigo, são descritos por inúmeras tradições (ameríndias, andinas, budista, judaica, antroposófica, entre outras) e pela sincrética “cultura Rainbow” como correspondentes a expressões humanas – respectivamente físicas, emocionais, mentais e espirituais (com variações segundo as diferentes linhagens). A criação de uma nova subjetividade, incorporando aspectos de tradições antigas, é ponderada como mais importante do que medidas normativas contra a atual crise climática. Na direção do equilíbrio ecológico, o humano é descentrado e a natureza é percebida como um reino de intenções inteligentes e complexas. Racionalidade e intuição interagem nesta ontologia contínua de múltiplas agências.

**Palavras-chave:** sociologia; epistemologia; natureza; utopia. encontros Rainbow

## **Escaping extinction: experiences of human-nature connection in Rainbow gatherings**

### **Abstract**

*The work reflects on the integration between human and nature in ways that differ from the typically modern separation that has led to the current socio-ecological crisis. The analysis is based on the observation of Rainbow gatherings. Such gatherings bring travelers together in natural areas during a lunar cycle (28 days) in different countries, to experience a life oriented towards communion with all beings. The work outlines images of a human subjectivity that seeks to become progressively equal to nature, by orienting the experience according to the characteristics of the natural elements—land, water, air, fire. The elements are described by numerous traditions, and by the syncretic Rainbow culture, as corresponding to human expressions (respectively physical, emotional, mental, spiritual/creative). The creation of a new subjectivity, incorporating old traditions, is pondered as being as urgent as objective measures in the confrontation of the current crisis. Rethinking the senses and ways in which humanity relates to the world, to other species, to life as a whole, is fundamental to the emergence of a “sustainable”, healthy and balanced society—including all beings. In the direction of ecological balance, the human tends to be decentralized, and nature perceived as a realm of intelligent and complex intentions. Human and nature, rationality and intuition conform a continuous ontology of multiple agencies. The fieldwork included six gatherings in five countries (Brazil, Italy/Slovenia border, Austria, France, Israel) and the research methodology consisted in a social cartography, based on Deleuze and Guattari’s philosophy.*

**Keywords:** sociology; epistemology; nature; utopia; Rainbow gatherings

## **Para escapar de la extinción: experiencias de conexión humano-naturaleza en los encuentros Rainbow**

### **Resumen**

*El artículo reflexiona sobre formas de integración del ser humano a la naturaleza alternativas a la separación típica de la modernidad y originaria de la actual crisis socio-ecológica. La discusión tiene lugar a partir de la observación de los encuentros Arco Iris, que reúnen a viajeros/as en recintos naturales, durante un ciclo lunar (28 días), en varios países, para experimentar una vida orientada a la paz y el equilibrio con la Tierra y el cosmos. El artículo esboza imágenes de una subjetividad humana que trata de igualarse progresivamente a la naturaleza orientando la experiencia según las características de los elementos naturales. La tierra, el agua, el aire y el fuego, tomados como ejes de análisis en el artículo, son descritos por numerosas tradiciones (amerindia, andina, budista, judía, antroposófica, entre otras) y por la sincrética "cultura Arco Iris" como correspondientes a expresiones humanas – respectivamente físicas, emocionales, mentales y espirituales (con variaciones según los diferentes linajes). Se considera que la creación de una nueva subjetividad, que incorpore aspectos de las tradiciones antiguas, es más importante que las medidas normativas contra la actual crisis climática. En la dirección del equilibrio ecológico, el humano es descentralizado y la naturaleza se percibe como un reino de intenciones inteligentes y complejas. La racionalidad y la intuición interactúan en esta ontología continua de múltiples agencias.*

**Palabras clave:** sociología; epistemología; naturaleza; utopía; encuentros Rainbow







## Introdução

Michel Foucault terminou “As Palavras e as Coisas” (1966/2016) com a imagem de um rosto humano desenhado à orla da praia, figuração recente simétrica à possibilidade de sua dissolução. Em 1966, a ideia do humano como figura contingente, passível de esvanecimento, remontava apenas à discussão conceitual, epistemológica. Meio século depois, a reabsorção do humano pelo mundo segue como um desafio na esfera epistêmica, com as condições e consequências ontológicas da transformação perceptiva que ela supõe, mas há agora um sentido nada metafórico para o desaparecimento do humano, com o risco real de extinção da espécie.

Enfrentar a catástrofe ecológica, de cujo destino depende nada menos que a continuidade da vida humana, é um desafio que explicita ao mesmo tempo os limites da episteme moderna e a urgência de encontrar novas bases para entender o mundo e agir nele. Repensar os sentidos e modos como a humanidade se relaciona com o planeta, com outras espécies, com todas as formas de vida, é fundamental para o surgimento de sociedades “sustentáveis”, saudáveis e equilibradas – incluindo todos os seres.<sup>2</sup>

O legado da episteme moderna nos permite caracterizar a catástrofe em seus detalhes estatísticos, físicos ou biológicos, situá-la no tempo e no contexto, antever o ritmo de seu agravamento e mesmo formular políticas com o objetivo de mitigar efeitos do aquecimento global, reduzir seu ritmo ou, no melhor dos mundos, interrompê-lo. Em tese, conhecer adequadamente um fenômeno favoreceria a adoção de ações bem pensadas, também elas racionais, e isso nos levaria ao aprimoramento geral da humanidade. Entretanto, como no holocausto, mas no presente e em tempo real, a catástrofe ecológica reitera a insuficiência da ideia de progresso associada ao conhecimento racional.

Autores da teoria crítica responderam a esse tipo de limite com a defesa da modernidade (vista como projeto inconcluso) e a denúncia da colonização do mundo da vida pela razão instrumental (HABERMAS, 2010; 2012; SLOTERDIJK, 2008). Por mais que saibamos que as relações entre os humanos e o ecossistema precisem ser radical e urgentemente transformadas (se não as próximas gerações nada menos que perecerão), o sistema impõe a continuidade da destruição do mundo pela indústria e pelo consumismo a ela associado. Ações radicais baseadas na defesa racional do mundo da vida seriam a resposta da modernidade plena às deformações da modernidade incompleta.

A denúncia nos serve, mas não o prognóstico. A racionalidade moderna é o sistema; ela não produziu a catástrofe social e ecológica porque o projeto do iluminismo segue incompleto, mas bem o oposto. A razão e sua posição hierarquicamente superior a outras formas de conhecer advêm da cisão entre o humano e a natureza, cisão fundadora da episteme moderna. Uma “razão ambientalista” será para sempre incapaz de fazer frente à catástrofe ambiental, se continuar a ser razão no sentido estrito adotado pelo Iluminismo: que aparta o humano de seu entorno, segrega o humano em uma (e apenas uma) forma privilegiada de conhecer.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> O tema é discutido por inúmeros/as autores/as; os/as que mais influenciam nossa interpretação são Bateson (1986), Leis (1999), Morin (2010), Danowski e Viveiros de Castro (2014), Viveiros de Castro (2015), Comitê Invisível (2016, 2017), Holloway (2013), Lovelock (2010), Olin Wright (2019) e Stengers (2015).

<sup>3</sup> Este é o tema de Leis (1999), mas, por outras chaves interpretativas, também da crítica pós-colonial (Spivak, 2010; Mignolo, 2008) e mesmo de autores ocidentais consagrados (Todorov, 1982; Stengers; Pignarre, 2005).



## Para escapar à extinção

Queremos argumentar aqui em favor da emergência de modos de experimentar a vida capazes de impedir a catástrofe. Movidos pela ansiedade ou pelo desespero, pela esperança ou pela fé, grupos humanos pelo mundo têm operado em busca de desfazer a ruptura entre esse tipo de bípede definido no masculino (o “homem”) e seu entorno feminino (a “natureza”). Diversos tipos de comunidades, tradicionais ou recentes, dedicam-se à reativação ou ao fortalecimento do contato com a Terra, à cura e ao cultivo dos vínculos, ao estabelecimento de uma inserção integrada e harmônica no meio de que participam, instaurando modos de vida distintos daqueles operados pelo sistema dominante.

Na exposição a seguir, refletimos sobre o modo como, nos encontros nômades da “Família Arco-Íris” (ou “Rainbow Family”), perseguem-se outros modos de viver-no-mundo, apontando indícios para uma transição a formas de existência humana que se reintegrem à Terra e permitam escapar ao colapso (CYKMAN, 2019). As práticas ali realizadas e as formas de conhecimento que as perpassam atualizam noções de trabalho, família, território, saber-poder, e permitem repensar questões fundamentais quanto à natureza da sociedade, do convívio e do conflito; a natureza da natureza, da vida e do pertencimento.

Primeiro, descrevemos o que são esses encontros. Em seguida, detalhamos nossas observações sobre o modo como se dissolvia a separação entre humanos e natureza, durante a série de encontros Rainbow observados na pesquisa. Enfim, voltamos à discussão epistemológica, para refletir sobre como tais práticas constituem tanto uma racionalidade subjetivamente informada (não-racional ou mais-que-humana), como outro modo de ser no mundo, em recusa à cisão humano-natureza.

Pretendemos com isso sugerir que a emergência de uma nova episteme pode salvar a humanidade, ainda que ao preço do desaparecimento do humano como conceito.

## Os encontros

A Família Arco-Íris, ou Rainbow Family, é uma comunidade intencional anarquista e nômade que realiza encontros temporários em diversos países, inclusive no Brasil, com o intuito de experimentar a vida humana em comunhão com a vida em geral. Os encontros duram um ciclo lunar; de uma lua nova à próxima. São realizados em recintos afastados das grandes cidades, onde haja água boa para banho e para consumo, lenha para fazer fogo e condições para acampar. Organizam-se de forma não-comercial e não-hierárquica, através da auto-organização e da colaboração voluntária: “se vêes algo por fazer, a missão é sua”. Participantes apelidaram o sistema de “anarquia orgânica”. As atividades básicas consistem no preparo de duas refeições coletivas por dia, coleta de lenha e de água, escavação de buracos para os banheiros secos. O financiamento é feito de forma também coletiva e voluntária, não havendo condição financeira à participação. “Traga um prato e comerás; traga um copo e beberás”. Oficinas e trocas de saberes circulam de forma livre, conforme as pessoas as ofereçam. Rodas de conversa horizontais são feitas para tratar de temas diversos, inclusive conflitos, e são a instância de tomada de decisões, que ocorrem por consenso. Há alguns consensos prévios, que se aplicam a todos os encontros, como a interdição ao álcool, ao consumo de carne e ao uso de equipamentos eletrônicos.

Não há membros ou territórios fixos. O Rainbow é dito “o maior grupo não-organizado de não-membros do mundo”, segundo os mesmos. A livre afiliação ressoa pela identificação com princípios de não violência, igualitarismo, paz entre as nações, integração à natureza e ao cosmos, cura, amor, celebração da vida. Reunindo influências do Woodstock, do movimento hippie, do *new age*, do ciganismo, do neopaganismo, do anarquismo, de tradições indígenas,



xamânicas, orientais, místicas e outras, a ideia de “arco-íris” remete a uma unidade de tipo familiar cuja diferença interna é característica fundamental. A saudação típica que se vê e se ouve ao chegar a um encontro é “Welcome home”.

Dos encontros Rainbow, participam sobretudo viajantes, nômades, em maioria jovens, havendo também famílias, crianças, bebês, anciãs e anciões. Há uma diversidade de classe, com presença de sujeitos que vivem com renda mais baixa, como andarilhos, artesãos, artistas de rua – “malucos de estrada”<sup>4</sup> – (e, nos Estados Unidos, ampla presença de moradores de rua, conhecidos nos encontros como “road dogs”). A maioria é branca.<sup>5</sup> De um lado, essa coloração reflete a segregação racial do mundo. De outro, mostra que há um contingente branco recorrendo à ancestralidade de outros povos, em busca de retorno a algum tipo de raiz, porque, à diferença do branco ofuscado pelo progresso, outros povos lembram de onde vêm e sabem para onde retornar.<sup>6</sup> Embora o movimento Rainbow posicione-se contra o racismo, é evidente que o grupo ainda tem necessidade de ampliar o espectro dos tons no “Arco-íris”.

A história do Rainbow é transmitida sobretudo de forma oral. Os encontros estadunidenses denominam tais momentos de partilha de “hipstory”. Todavia há já também produção escrita, como “People of the Rainbow: A Nomadic Utopia”, de Michael Niman (2011), “Derivas y tensiones en la materialización de la utopía: etnografía al movimiento Arcoíris en Chile”, de Leonardo Cancino Pérez (2016), «The Rainbow Family: an Ethnography of Spiritual Postmodernism”, de Adam Berger (2006), entre outros. Segundo os relatos, o primeiro encontro Rainbow foi realizado em 1972, nos Estados Unidos, no Parque Nacional Rocky Mountain, Colorado. Desde então, espalhou-se no espaço e no tempo, chegando aos cinco continentes, e alcançando o Brasil em 2003. Hoje, estima-se que haja sempre ao menos três encontros acontecendo em diferentes lugares. Entre eles, há fluxo de pessoas e caravanas. Encontros mundiais ou continentais reúnem milhares de pessoas; encontros nacionais costumam agregar algumas centenas, exceto os estadunidenses, que se destacam com dezenas de milhares de participantes.

Na narrativa e motivação de participantes circula uma profecia comum a diferentes nações indígenas norte-americanas, a qual anuncia a chegada de uma nação transfronteiriça, de todas as cores e origens, quando a destruição da terra e dos povos originários pela ganância do homem branco se tornasse insuportável. A missão dessa tribo seria curar a saúde física e

<sup>4</sup> A categoria “malucos de estrada” conforme investigada por André Luiz Strappazon (2011) reflete essa população (às vezes ditos “hippies”).

<sup>5</sup> É notável a concentração de população branca nos encontros, a despeito do mote multicolor. Em questionário online não representativo enviado a participantes do Rainbow através de grupos de Facebook, em novembro de 2019, os perfis de 55 pessoas de 21 países conformaram as seguintes distribuições: 71,2% brancos/as, 13,5% pardos/as, 15,3% outros. Fora do Rainbow, aproximadamente três quartos vivem em casa própria ou de parentes, ou em casa alugada; 24,2% não têm moradia fixa. Quanto à renda, blocos mais ou menos similares dividem os/as respondentes. Brasileiros responderam em reais; estrangeiros, em dólares. Os resultados estão apresentados conforme a cotação da época em que o questionário foi administrado (aproximado em R\$ 4,00). Segundo as respostas: 30%, (16 pessoas) ganham entre R\$ 1.000 e R\$ 3.000 mensais (U\$ 250 a U\$ 750), 23,1% (12 pessoas) ganham entre R\$ 3.000 e R\$ 5.000 (U\$ 750 a 1.250), 19,2% (10 pessoas) ganham até R\$ 1.000 (U\$ 250), outros 19,2% ganham entre R\$ 5.000 e R\$ 15.000 (U\$ 1.250 a U\$ 3.750) e 7,7% (4 pessoas) ganham mais que R\$ 15.000 (U\$ 3.750) mensais. Tais quantias, contudo, representam grandezas diferentes no contexto de cada um dos 21 países. De 49 respostas, 18 declararam obter sua renda com trabalho informal, 17, com trabalho assalariado e os demais, com assistência social, bolsa universitária, agricultura ou voluntariado (“dinheiro de bolso”). Michael Niman (2011) nota que a diferença no Rainbow é reflexo da diferença de uma “Babylon” segregada e que a branquidão da classe média se replica nos encontros. Comenta que a categorização dos encontros como “New Age” pela mídia contribui para afastar a população negra. “À medida que as discussões sobre raça e multiculturalismo se tornam mais prevaletentes na sociedade, os Rainbows estão a tornar-se mais conscientes da sua própria segregação de facto. Alguns Rainbows continuam a pressionar para discutir o assunto, mas a maioria prefere ignorá-lo - aguardando pelo dia em que a integração ocorra magicamente” (NIMAN, 2011, p. 110).

<sup>6</sup> Kerexu Yxapyry, liderança indígena Guarani, diz aos juruás, brancos: “Tudo bem se vocês não sabem para onde voltar, porque não lembram suas origens; nós ainda nos lembramos e vocês podem vir junto. Não vamos deixar ninguém para trás” (informação verbal, 2019).



## Para escapar à extinção

espiritual da humanidade e da Terra através do resgate da sabedoria ancestral, dos saberes da natureza, do poder do amor.<sup>7</sup> O horizonte da cura é a reintegração da humanidade à natureza.<sup>8</sup>

Os conflitos e problemas existentes nos encontros não divergem substancialmente daqueles da sociedade hegemônica: diferenças de poder, manifestações de machismo, “parasitas” que jamais trabalhem, discordâncias, brigas etc. A compreensão das questões e seu encaminhamento, entretanto, fazem-se de formas bastante distintas. Um caso de assédio, por exemplo, ocorrido no encontro brasileiro de 2018, foi tratado em uma roda de conversa horizontal, em presença da mulher e do homem envolvidos, e de todas as pessoas que se sentiram motivadas a participar. Assume-se, por princípio, que condutas violentas ou desonestas sejam elas mesmas fruto de feridas e traumas vividos pela pessoa, e que requerem não outras doses de violência, repressão ou sanções, mas acolhimento, amor e cura. Segundo Niman (2011, p. 118), “Rainbows creem que confrontações potencialmente violentas são melhor aliviadas através da demonstração de amor. O círculo, portanto, deve ser amoroso. A ideia é nutrir pessoas desapontadas até que vejam a futilidade de sua raiva, e não formar um círculo antagonista de onde elas sintam que devem escapar”.

A pesquisa consistiu em uma cartografia social desses encontros. Desde uma crítica ao paradigma moderno, racionalista, objetivista, técnico, fragmentário e colonial, e da observação de que os encontros parecem estar fora ou na fronteira de sua egrégora, busquei esboçar o desenho de uma episteme emergente, experimentada no Rainbow, consoante com sua organização social anárquica e orgânica.<sup>9</sup> A cartografia social, “antimétodo” fundado na filosofia de Deleuze e Guattari, orientou meu olhar e postura no campo, tomando a subjetividade como premissa, meu envolvimento pessoal como parte da pesquisa, e as sugestões e surpresas do próprio campo como definidoras do percurso. Fui a seis encontros, num trajeto imprevisito: o primeiro no Brasil, um europeu (na fronteira Itália/Eslovênia), um na França, um na Áustria e um em Israel, em 2016, e o último novamente no Brasil, em 2018, em minha casa, Florianópolis. Mantive um diário pessoal, realizei entrevistas não planejadas e sem roteiro, e, no último encontro, deixei circular um “diário coletivo”, que coletou narrativas escritas.

## Relações humano-natureza

*duplo direi: pois ora um cresceu a ser único de muitos,  
ora de volta cindiu-se a ser múltiplo de um só,  
fogo e água e terra, e incontável altura de ar.*

Empédocles

Para fazer, aqui, uma observação da integração humano-natureza nesses encontros, decidimos tomar como ponto de partida uma premissa que supõe a continuidade ontológica entre as zonas. Diversas tradições compreendem a existência de uma correspondência entre

<sup>7</sup> Este mito tem versões entre os povos Cree, Lakota, Hopi, Zuni, Cherokee e outros. Algumas variações podem ser lidas em: <<https://www.welcomehome.org/prophecy/prophecies.html>>. (Acesso em 16 jul. 2020). Como contraponto: Michael Niman (2011) dedica um capítulo à desconstrução da associação à mitologia, acusando superficialidade e apropriação cultural. Todavia, parece haver algumas coincidências entre os mitos e o mote dos encontros Arco-íris.

<sup>8</sup> “Reintegração” aqui não significa retornar às condições ancestrais de inserção do humano na natureza, o que seria impossível, mas reinventar a possibilidade dessa conexão. A ideia é de retorno a um estado de unidade, talvez ponderável como o estado em que seres humanos não se distingam (ainda ou não mais) da natureza que os gerou.

<sup>9</sup> Os trechos em primeira pessoa do singular referem-se à experiência de campo vivida por apenas uma das pessoas que escreveram este texto. Avaliamos que não faria sentido converter esta narrativa artificialmente à primeira pessoa do plural, tampouco optar por uma forma impessoal. Retornaremos à primeira pessoa do plural ou ao impessoal quando as memórias forem sucedidas pelas interpretações.



os elementos da natureza e as energias humanas. Entre ameríndios, entre andinos, entre os antigos Vedas, na Cabala judaica, no budismo, no Candomblé e na Umbanda, no hermetismo, na antroposofia, na astrologia, na alquimia, em saberes populares de magia natural, nos tarots que deram origem ao baralho comum – em inúmeras tradições, de diversas origens, terra, água, ar e fogo são associados a expressões manifestas no ser humano, geralmente correspondentes respectivamente a corpo físico, sentimento, pensamento e espírito/criatividade (com diferenças entre as diferentes culturas).<sup>10</sup> Mesmo no mundo ocidental, filósofos gregos da tradição pré-socrática falaram sobre essa relação: Hipócrates, Empédocles, Aristóteles e outros associaram os elementos à constituição humana, inclusive a certos órgãos e humores do corpo, e atribuíram o sucesso de sua cultura a uma proporção ideal entre os quatro elementos (Moran, 2008).<sup>11</sup> Gustav Jung (1991) integrou os elementos da alquimia à psicologia, e Gaston Bachelard (1987) os rediscutiu na filosofia. Algumas das tradições citadas, entre elas a aristotélica, incluem um quinto elemento: éter, quintessência – espaço vazio, forma pura, origem de toda energia.

A essa percepção subjaz a ideia de que seres humanos e toda a natureza são feitos da mesma matéria-prima, compartilhando uma ontologia contínua. Partimos dessa compreensão para analisar os encontros Rainbow, buscando observar como se dão no que diz respeito a cada uma das quatro instâncias básicas, e como, em cada uma delas, busca-se tornar a experiência humana idêntica ao funcionamento da natureza. Essa aproximação apaga progressivamente as marcas da cisão e permite experimentar, em lugar da alienação da natureza pelo mundo urbano e moderno, uma humanidade integrada à teia da vida.

Em vez de falar em trabalho, vida, linguagem; produção, família, propriedade; sociologia, filosofia ou biologia, experimentaremos deixar à parte as categorias do moderno e recorrer ao modo como os antigos se referiam aos elementos naturais.

O elemento *terra* está no corpo físico. É energia material, manifesta em questões relacionadas a firmeza, força, presença no mundo, identidade; às necessidades materiais e fisiológicas; ao alimento, ao sustento, ao dinheiro, ao território.

O primeiro movimento do Rainbow é sair da cidade: abandonar o território do domínio industrial, onde o corpo humano está separado do corpo da Terra por plataformas de cimento. A escolha do local envolve critérios simples: suas condições de suprir o encontro com terra, água, e lenha. Ao envolver-se pela natureza, a fronteira cai desde os olhos, desde os sentidos, que podem ver, ouvir, respirar o mundo. Os encontros não recusam completamente as criações da sociedade industrial, utilizando painéis, barracas, ferramentas; contudo recusa-se a ideia de indústria como sujeição da natureza. Não há qualquer intuito de dominar ou impor algo ao lugar e aos seres presentes; inversamente, a intenção é passar despercebido, sem deixar pegadas.

O cotidiano se faz em consonância com essa proposta. Acampar é dormir quase sem se separar do solo. A alimentação natural e vegana pretende respeitar todos os seres. A composteira devolve à terra o que dela veio, para a continuação do ciclo. Apenas cosméticos naturais podem ser utilizados. Cuidar do próprio corpo é cuidar da terra, e vice-versa: metais pesados de um desodorante, por exemplo, agridem igualmente o corpo humano e o corpo-terra. O cuidado é tam-

<sup>10</sup> Para indicações mínimas dessa pluralidade de referências ver: Agrippa (1509/2008), Böhme e Böhme (1998), Eliade (1998), Jodorowsky (2005), Jung (1991), Lama Padma Samten (2008), Oliveira e Oliveira (2007), Ribeiro (1986), Santoro (2012), Rabino Shimon Bar Yohai, editado por Scholem (1963). Além dos registros escritos, nem sempre primordiais, a tradição oral é também lugar de refúgio e transmissão do conhecimento em muitas das tradições.

<sup>11</sup> “Escritores explicaram que sua localização geográfica era a mais propícia ao desenvolvimento cultural favorável porque havia pessoas sujeitas a uma proporção ideal dos quatro elementos básicos (fogo, água, terra, ar). [...] Estas idéias, endossadas por Hipócrates, Aristóteles e outras figuras importantes da Grécia antiga, vêem uma tendência que foi seguida pelos romanos” (MORAN, 2008, p. 28, tradução nossa).

bém recíproco: o uso de um produto natural é a natureza cuidando do humano ao mesmo tempo em que o humano preserva a natureza – coincidentes. Terra e corpo são extensões mútuas.

Em comunidades fixas, a produção do próprio alimento talvez seja a instância fundamental de conexão com a natureza. Um agricultor certa vez disse: “ao mesmo tempo em que a gente trabalha a terra, a terra vai trabalhando a gente”. Plantar é engajar-se com a terra para engajar o próprio organismo, a vida suprindo a vida. Como comunidade efêmera, o Rainbow não produz os próprios alimentos; compra em comércio próximo ou de produtores locais, e às vezes recicla alimentos destinados ao descarte. O financiamento é coletivo e voluntário: após cada refeição, circula na roda o «chapéu mágico» para recolher contribuições – mágico porque compartilhado, gerando abundância geral.

Os trabalhos necessários e todas as iniciativas acontecem no Rainbow ao modo da “anarquia orgânica”; uma aposta na sociedade humana como organismo vivo capaz de encontrar o equilíbrio natural de sua homeostase. Na prática, há desequilíbrios (pessoas que não procuram contribuir, pessoas que não se permitem descansar). Sem apelar à calcificação de uma ordem ou estrutura de funções, o experimento depende do trabalho pessoal de afinamento das sensibilidades necessárias à fluidez das relações. Como galhos de uma árvore ao sol, procura-se uma organização que permita o trânsito da luz.

Como existir junto ao diferente? Como estar-no-mundo, ser-com? A comunidade-ensaio recorre às tradições e saberes de povos originários para recordar. Um índio sabe, ao olhar o humor das montanhas pela manhã, qual será o tom do dia, diz Ailton Krenak (2019). “Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto” (KRENAK, 2019, p. 18). A montanha o informa se deve sair para caçar, se é dia de festa, se deve ficar em casa. As entidades da natureza, dotadas de identidade e personalidade, transformadas pela sociedade capitalista em “recursos” por consumir, marcam, segundo Krenak, a origem do sofrimento e o começo do “fim do mundo”. A tradição mecanicista e objetivista do ocidente não pode mais almejar fazer frente à questão.

Retornar à terra é mudar a percepção que se tem dela. Recordar a pertença, a filiação, é um ato cotidiano de alinhar-se aos ciclos naturais. Acordar com o sol, plantar na lua crescente, comer as frutas da estação. O senso de pertencimento substitui a gula de propriedade. Apenas um corpo embotado pelo excesso de artificialidade está vulnerável ao domínio de um sistema alheio a si; um corpo em sintonia com a natureza recusa tornar-se dócil: a ruptura com a terra é a condição para o exercício das formas de dominação<sup>12</sup>. Ao mesmo tempo em as comunidades efêmeras do Rainbow se desterritorializam sistematicamente – em relação à ideia moderna de nação, em que povo e lei se embolam – as pessoas espalhadas pelo conjunto dos encontros se reterritorializam na Terra. Território e nação se apartam na vivência transcultural, multilinguística, na construção de uma nação global que reduz o significado das fronteiras, e estende-se sobre o planeta inteiro, constituindo com ele a terra viva.

O *ar* está no pensamento; energia mental. Está no intelecto, na comunicação, na linguagem; na expansão e retração, no ir e vir de todas as coisas.

**12** “O importante a salientar a partir de nossa perspectiva é que a pressão sobre os territórios que está agora a tornar-se evidente em todo o mundo – especialmente para a mineração e os agrocombustíveis – pode ser vista como uma verdadeira guerra contra os mundos e mais uma tentativa de dismantlar todo o coletivo. Dentro dessa complexa situação, as lutas pelos territórios tornam-se lutas para a defesa dos muitos mundos que habitam o planeta. Em palavras do pensamento Zapatista, essas são lutas por um mundo em que que muitos mundos se podem encaixar; ou seja, luta-se pela defesa de multifacetado” (ESCOBAR, 2014, p. 77).





Anterior à internet, o Rainbow evita mediações digitais e privilegia a comunicação analógica. Há escassa informação on-line sobre os encontros; o endereço exato do local nunca é divulgado. Chega-se por contágio: os convites e a informação percorrem redes de transmissão pessoal. Tampouco se utilizam equipamentos eletrônicos durante o encontro, de modo que há poucos registros audiovisuais, e menos ainda imagens em redes sociais. A comunicação confia no dinamismo espontâneo; corre com o vento.

A multiplicidade se expressa de forma nítida na linguagem verbal. Com pessoas providas de diversos países, correm diversos idiomas. Pela música, também chegam línguas indígenas e idiomas considerados mortos, como o sânscrito. A música circula como uma linguagem em si – sons que se comunicam por si mesmos, sem depender de semântica. A comunicação não é sempre verbal ou racional; e, para além do humano, inclui astros, montanhas, sentimentos, espíritos e outros elementos. Inspirada na natureza, orienta-se, antes, pela escuta e pela observação.<sup>13</sup>

O espaço de comunicação “formal” do Rainbow é a roda de conversa ou círculo de palavra. É a instância para a resolução de conflitos e tomadas de decisão. As questões políticas se misturam com disposições afetivas, emocionais, espirituais. Utiliza-se o “bastão da fala”, técnica indígena norte-americana de comunicação e escuta. O bastão passa de mão em mão, dando a oportunidade a cada pessoa de se expressar, sem receber reações. As outras pessoas devem silenciar para ouvir. Trata-se de um exercício de escuta, não apenas porque a participação na roda envolve muito mais tempo de escuta do que de fala, mas também em um sentido mais profundo, porque a escuta é a base da comunicação, e é ela que permite alcançar consensos. Um consenso não é o encontro aritmético de todas as opiniões individuais, mas a sensibilidade de perceber o grupo, e discernir em que momentos a própria opinião tem peso de necessidade e em que momentos é apenas preferência ou capricho. As decisões são feitas por sintonização coletiva, como afinamento do organismo, como moléculas gasosas que se misturam. O ar é geralmente silencioso, exceto em vendaval ou tempestade.

Outro espaço de comunicação acontece no momento que sucede as rodas de alimento. Finda a refeição, em torno ao fogo (que expande o ar), costumam ocorrer anúncios e comunicados. Uma pessoa chama a atenção através da palavra “foco” (“*focus*”) ou “luz”, que será ecoada em um jogral até obter silêncio e atenção da roda, e a pessoa fala. A palavra então circula entre quem deseje compartilhar, anunciar ou pedir algo. Nesse momento, o grupo se atualiza sobre trabalhos necessários (como coleta de lenha ou o conserto de alguma estrutura) e convida a oficinas e outras atividades. O momento das atividades é indicado por aproximações segundo o sol ou em relação às rodas de alimento – “quando o sol estiver quase se pondo”, ou “mais ou menos meia hora após o chapéu mágico”.

São comuns atividades como yoga, meditação, dança, canto, jogos, Tantra, oficinas de comunicação não-violenta, “renascimento”, astrologia, cosméticos naturais, malabarismo, Reiki, “como fazer arroz no fogo em grandes quantidades” etc. Os saberes em circulação são raramente científicos no sentido moderno do termo, e não se restringem ao racional. Dizem respeito ao corpo, à arte, aos ciclos naturais, às plantas, à terra, a técnicas de cura, e estão ligados a sensibilidade, intuição, cuidado, auto-observação.

Além do bastão da fala, outras tradições antigas são acionadas para recordar formas efetivas e amorosas de se comunicar e de estar em sintonia com os outros. Os “quatro acordos” toltecas, escritos em cartazes ou mencionados em conversas, orientam a comunicação e

**13** Na natureza musical de Gilberto Gil (1981): “se eu quiser falar com Deus, tenho que ficar a sós / tenho que apagar a luz / tenho que calar a voz”.



## Para escapar à extinção

o comportamento: ser impecável com a palavra, não fazer suposições, não tomar nada como pessoal, e sempre dar o seu melhor.<sup>14</sup> Outra é “sincronário da paz”, supostamente uma releitura do calendário maia.<sup>15</sup> Uma leitura alternativa do tempo, relacionada ao movimento dos astros, a partir da qual cada sujeito pode compreender sua posição no cosmos e harmonizar-se. Estabelece-se uma correlação entre ciclos de tempo e partes do corpo humano. A expressão *Ah Yum, Hunab Ku, Evam Maya E Ma Ho*, atribuída à cultura maia, clama pela paz como “harmonia entre a mente e a natureza”. Algo que se mistura com Latour: a atmosfera somos nós.

Com tudo isso, o ar fica mais fresco no Rainbow. Uma cidade poluída obstrui a clareza do pensamento; respirar ar puro traz a sensação de mente límpida.

A água é o sentimento, energia emocional. Está na mobilidade, na flexibilidade; manifesta-se em questões ligadas à subjetividade, aos afetos, aos laços, ao inconsciente, à intuição. As relações são saudáveis quando fluem como água, com facilidade, adaptando-se à mudança das formas e irrigando o crescimento. Aqui, o caráter “líquido” é uma qualidade avessa à superficialidade e à imprecisão: ser consistente é condição para poder ser fluido.

Um novo paradigma suscita novos sentimentos. No avesso da sociedade capitalista e da tradição da filosofia política, que situam a relação com o outro como um fardo, moldada por hostilidade e concorrência, a família Rainbow sente a aliança como fundamental e desejável: o amor é o *a priori* das relações. A água nutre o desenvolvimento de todas as plantas, de todos os seres vivos, sem distinção e sem pretender determinar. Dá a cada ser a possibilidade de ser e tornar-se quem é por natureza. O amor supõe nutrir como a água, convidando ao mundo a expressão íntima de cada ser. A confiança sustenta o encontro, mesmo entre furos no barco ou tormentas.

Além de pressuposto político, o amor é epicentro de uma espiritualidade ecumênica. Entendido não como assunto privado ou emoção entre pessoas particulares, o amor é incondicional. Não reside em seu objeto, mas em quem ama. Um sentimento universal, diante da vida de todos os seres. A evolução espiritual, nesse caso, não é outra coisa que a expansão da capacidade de amar. Para além da família capitalista, o amor institui uma família ao longo de todas as relações que percorre, de toda a natureza.

É comum ouvir no Rainbow a expressão «sentir de» (com equivalente em inglês “*feel to*”) para indicar inclinação a algo. “Não sinto de participar da oficina de teatro”, “sinto de dizer que...”. O novo uso atribuído ao verbo denota uma diferença na relação com o sentir, em relação à gramática hegemônica dos vínculos. O sentimento é uma instância de decisão, antes que ou tanto quanto o julgamento mental. As escolhas e ações são orientadas pelo sentir, como modo de conhecimento íntimo e profundo. A razão se mistura, adjunto prático, num “sentipensar” (ESCOBAR, 2014). Assim o cotidiano, o trabalho e o tempo não se pautam por grades lineares, mas por curvas variáveis, água correndo ao redor das pedras. A linguagem primordial do sentipensar é poesia, que escapa tanto ao mágico quanto ao que se quer estritamente racional.

Se, como ser racional, o humano acredita distinguir-se dos “outros”, como ser senciente ele se iguala. O estatuto atribuído ao sentimento, além de alterar a dinâmica da sociedade humana, reúne diferentes espécies em uma esfera compartilhada. O campo do sentimento é um campo de encontro, não um campo de lutas; o que toda a vida tem em comum. A postura se aproxima das perspectivas ameríndias do mundo como essencialmente subjetivo, antes que

<sup>14</sup> Sabedoria geralmente transmitida de forma oral, documentada por Don Miguel em “Os quatro compromissos: O livro da Filosofia Tolteca” (2008).

<sup>15</sup> “Calendário das Treze Luas” idealizado na segunda metade da década de 80 pelo historiador da arte estadunidense José Argüelles (2002), inspirado nos sistemas maias de contagem do tempo. Críticas apontam para uma apropriação cultural da tradição maia por parte do movimento da “Nova Era” (SITLER, 2006).



objetivo. A relação é a substância das partes que se relacionam. “Sentir é sempre tocar a um tempo em si e no mundo”, frase do filósofo das plantas, Emanuele Coccia (2018).

Sem água, a vida morre. A crise atual não cabe em termos objetivos: o estado das coisas vai além das cisões sujeito-objeto, emocional-racional, humano-natureza. Uma metamorfose subjetiva, rumo a outras formas de estar em contato, é prioridade no Rainbow. O que Foucault (2001) chamou de “cuidado de si”: o olhar sobre si, através do qual o sujeito se implica sobre si mesmo, transformando a si e a si perante o outro. A subjetividade como ética, a espiritualidade como autodeterminação. As “práticas de si” estão no Rainbow sob o horizonte pessoal, coletivo, planetário e cósmico da cura pelo amor, do amor como meio para a restituição da saúde. Para a tradição nativa norte-americana, a “cura” está em tudo o que contribui para a harmonia entre todas as formas de vida. A saúde seria, enfim, o estado natural.

O fogo é a chama criativa ou o espírito, energia libidinal, expressa no desejo, na arte, na espiritualidade, na criação.

O Rainbow é atravessado por uma multiplicidade de deusas, santos, orixás, anjos, mais numerosos que os seres orgânicos. As diversas tradições (maia, budista, umbandista, xamânica etc.) conferem nomes e espíritos às entidades da natureza. Na umbanda, cada Orixá está em um ponto de força do planeta, como os mares, as matas, as tempestades, as cachoeiras. Shiva, figura central ao hinduísmo, é associado ao fogo. O xamanismo é entrosamento ou alternância entre a pessoa humana e pessoas não-humanas; segundo Kopenawa (2015), o pensamento xamânico, em vez de estar fixado em palavras, está fixado na floresta.

Através da espiritualidade e de saberes extrarracionais, a comunidade humana estabelece uma relação intersubjetiva entre tudo o que compõe a natureza. Funda-se no senso de sagrado, e é vivenciada cotidianamente em atitudes de culto e de cuidado. A vivência de proximidade à natureza e da espiritualidade como modo de contato é um multinaturalismo na prática: tudo é sujeito – o Sol, a Terra, as plantas, as entidades que residem nas medicinas da floresta, a água, o fogo, o alimento, o céu. A religião é ativo religar, estar dentro de uma unidade, de uma rede de ligações, sentir-se parte, um com a natureza. Uma natureza ao modo de Spinoza (2010), coincidente com Deus. As relações entre pessoas, animais, plantas, consciências, espíritos se consumam de modo contínuo e igualmente intenso e significativo.

Uma família extensiva e extensível. Laços internos à subjetividade que atravessa a natureza inteira. Toda a teia relacional da vida é a sociedade por excelência. O Rainbow propõe o parentesco voluntário entre todos os seres, a partir do amor e do sentir.

O coração do encontro é a fogueira, como talvez seja uma fogueira no coração do corpo. A arte pinta seu entorno; a música (sempre orgânica, com instrumentos acústicos) é uma forma de oração, de diálogo com a natureza. Nela, o tempo novamente se transforma.

A comunidade do Rainbow não tem forma, tamanho ou massa. É volátil e imprevisível, fantasia com aspecto de chamas. Sem líderes designados, com participantes rotativos, qualquer autoridade ou hierarquia que se insinue será logo dissolvida.



## Retorno a um mundo não cindido

Não bastarão estatísticas sobre carbono e metano. Não bastarão dados objetivos. Sem abdicar do exclusivismo humano, seremos extintos. Não cabe falar em políticas de des-envolvimento – que é, afinal, um desentrelaçamento, um distanciar-se da natureza. Ao contrário, as experiências utópicas que examinamos nos convidam a uma política de envolvimento, um entrelaçar-se, mergulhar de volta na vida, reativar o parentesco entre as formas vivas. A sobrevivência depende da dilatação da identidade, do exercício de uma nova subjetividade, mais vasta que a humana, mais antiga do que a moderna, e mais bem enraizada (embora “nova” para nós). Uma subjetividade ciente da natureza de que é feita, que a iguala e a aproxima de tudo ao seu redor. Nas palavras de Andreas Weber (2017), “o amor é uma prática ecológica”.

Outro conceito de natureza vem com outra natureza de conceito. Como observou Foucault (2016), o limiar da modernidade não residiu no desenvolvimento de métodos objetivos para observar fenômenos circunscritos, mas em delinear o ser humano como figura epistemológica central, ponto de apoio de todo o saber. A aposta na agência racional e no conhecimento técnico-científico como capacidades emancipadoras derivou da pressuposição mais fundamental de que o epicentro do conhecimento e o protagonismo da emancipação residiriam no ser humano, ou, mais especificamente, no Homem europeu. Ao caracterizar a filosofia moderna como essencialmente antropológica, Foucault retratou a face epistemológica do Antropoceno. O iluminismo nos legou uma razão sem sentido, uma razão despida do sensível.

Se o centro do pensamento moderno é o próprio sujeito pensante, desterritorializar, para levar o pensamento e a vida humana a um lugar novo, exige do moderno desertar de si mesmo; abandonar a centralidade de seu pensamento e percepção do mundo. A resistência a renunciar à posição de poder – de masculinidade, de brancura, de posse – é o maior obstáculo. No antropoceno do saber, da natureza exclui-se o humano, e a ideia de inteligência exclui a natureza. A fuga à extinção envolve o movimento oposto: a recusa do humano, a dissolução desse conceito, a submissão da ideia desse ser onipotente a outro conceito que o contemple como parte, não como mestre; parte da ontologia contínua de uma rede viva inteligente e complexa. Ou a transformação dele em uma forma de relação, não de substância (VIVEIROS DE CASTRO, 2016). Trata-se de compreender a inteligência como um atributo da vida, não como exclusividade de “homo” “sapiens”. Antes de conceber a natureza como conceito, não seríamos nós um conceito da natureza?

Tal olhar, cujos rudimentos observamos nos encontros Rainbow, reconhece inteligências não humanas não como rudimentares, mas como professoras. Elas nos ensinam que brancos ocidentais ainda conhecem pouco. Os Yanomami, diz Davi Kopenawa, veem/conhecem (*taai*) a floresta. “Nós não estudamos nem vamos à escola. Vocês, brancos, não vêem-conhecem as coisas. Acham que as conhecem, mas só vêem os desenhos de sua escrita” (ALBERT, 2002, p. 249). Outro olhar se inaugura com uma atitude de respeito diante de tudo o que vive, capaz de enxergar sujeitos por todos os lados. Não se tratará de conceder direitos garantidos, como nos contratos sociais, mas de proteger por instinto.

A inteligência de uma semente, a inteligência da água ou de um cogumelo dilatam a noção de razão. Coccia (2018) associa a razão à flor: a figura paradigmática da faculdade cósmica e natural de modelar a matéria, de dar forma. As operações de uma semente podem ser compreendidas enxergando nelas um modo de saber, um conhecimento cujo detalhe e precisão permitem desenvolver o destino completo de um organismo sem erros. Uma *inteligência* – racional, inclusive, se a razão for compreendida como a faculdade de dar forma, como Coccia

sugere, desde fora da modernidade. Após dilatar a razão desse modo, as inteligências da natureza convidam a misturá-la. Entre outros sentidos, em sintonia com as árvores e com Nietzsche, embebida por afetos, por interesses políticos, por café e cacau, entre Latour e os quase-objetos, a razão tem muitos parentes na produção de conhecimento.

As pessoas que participam dos encontros Rainbow experimentam a conexão intuitiva, um *sentipensar a humanatureza*: um esforço autêntico para escutar Gaia e estabelecer comunicação, propriamente intersubjetiva, com toda a vida. O mundo além-da-razão convida a trocas, pactos, contratos sem leis para além do humano (justos porque sem Justiça), a estar em sociedade com pessoas-não-humanas, numa rede simétrica, não hierárquica, num mundo que é por natureza feito de uma multiplicidade de agências. Uma ontologia contínua, o que demanda de nós agora inventar conceitos *com sentido*, ou seja, conceitos que ao mesmo tempo *sintam e signifiquem* o mundo.

## Referências

- AGRIPPA, H.C. A alma do mundo [1509]. In: TYSON, D. **Três livros de filosofia oculta escritos por Henrique Cornélio Agrippa de Nettesheim**. São Paulo: Madras, (1508) 2008.
- ARGÜELLES, J. **O fator Maia**: Um caminho além da tecnologia. São Paulo: Cultrix, 2002.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**: Ética a Nicômano. Poética (livro I e livro II). São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BACHELARD, G. **The Psychoanalysis of Fire**. London: Quartet Encounters, 1987.
- BATESON, G. **Mente e natureza**: uma unidade necessária. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1986.
- BERGER, A. **The Rainbow Family**: an ethnography of spiritual postmodernism. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Saint Andrews, Saint Andrews, 2006.
- BEY, H. **Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Editora Conrad, 1991.
- BÖHME, G; BÖHME, H. **Fuego, Agua, Tierra, Aire**: una historia cultural de los elementos. Herder. Madrid, 1998.
- CASTAÑEDA, C. **Viagem a Ixtlan**. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- CASTAÑEDA, C. **Las enseñanzas de Don Juan**. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.
- CASTAÑEDA, C. **A arte de sonhar**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**. Cultura e Barbárie, Florianópolis, 2017.
- COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: Crise e insurreição**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.
- COMITÊ INVISÍVEL. **Motim e destituição. Agora**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- CYKMAN, N. **Limites do horizonte**: cartografia de uma episteme utópica em encontros Rainbow. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2019.
- DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014.

- DON M. **Os quatro compromissos**: O livro da Filosofia Tolteca. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.
- ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra**: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAUCLA, 2014.
- ESCÓSSIA, L. da; KASTRUP, V.; PASSOS, E. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FUNDAÇÃO SERRALVES. **Crítica do Contemporâneo**: Conferências Internacionais Serralves 2007 - Política. Porto: Fundação Serralves, 2008, p. 99-126.
- GIL, G. **Se eu quiser falar com Deus**. [Música]. Warner, 1981.
- HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- HOLLOWAY, J. **Fissurar o capitalismo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- JODOROWSKY, A. **La vía del tarot**. Grijalbo: Debolsillo, 2005.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- KOPENAWA, Davi. **A Queda do Céu**: palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LAMA PADMA SAMTEN. **Roteiro de Meditação – 21 Itens**. CEBB Darmata, 2008. Disponível em: <<https://rodadodarma.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Roteiro-21-Itens-Lama-Padma-Samten-2011-11-09.pdf>>. Acesso em 15 set. 2020.
- LATOURET, B. To modernize or to ecologize? That's the question. In: CASTREE, N; WILLEMS-BRAUN, B. (Orgs.). **Remaking Reality**: nature at the millenium. London and New York: Routledge: 1998, pp. 221-242.
- LEIS, H. R. **A tristeza de ser sociólogo no século XXI**. Dados, n. 34, 1999, p.23-45.
- LOVELOCK, J. E. **Gaia**: alerta final. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- MAFFESOLI, M. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: ed. Zouk, 2003.
- MAFFESOLI, M. **O tempo retorna**: formas elementares da pós- modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MAFFESOLI, M. Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações. **Revista de Ciências Sociais UNISINOS**, São Leopoldo, 43(1), p. 97-102, jan./abr., 2007.
- MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MORAN, E. F. **People and nature**: An introduction to human ecological relations. Malden/Oxford/Victoria: Blackwell publishing, 2008.





- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- OLIN WRIGHT, E. **How to be an Anticapitalist today**. Londres: Verso, 2019.
- OLIVEIRA, M. S. de; OLIVEIRA, O. J. R. de. **Na trilha do caboclo**: cultura, saúde e natureza. Vitória da Conquista: UESB, 2007.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade /Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PÉREZ, L. C. **Derivas y tensiones en la materialización de la utopía**: etnografía al movimiento Arcoíris en Chile. XIV Coloquio Internacional de Geocrítica -Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro. Barcelona, 2016. Disponível em: < <http://www.ub.edu/geocrit/xiv-coloquio/LeonardoCancino.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- REALE, G. **História da filosofia grega e romana**, Vol. IV. São Paulo: Loyola, 2007.
- RIBEIRO, A. M. da C. **Conhecimento da astrologia**. São Paulo: Hipocampo, 1986.
- SANTORO, F. Empédocles, Aristóteles e os elementos. **Anais de filosofia clássica**, vol. 6 nº12, 2012.
- SCHOLEM, G. (Org.). **Zohar**: The Book of Splendor. New York: Schocken Books, 1963.
- SITLER, R. The 2012 Phenomenon: new age appropriation of an ancient mayan calendar, Nova Religio. **The Journal of Alternative and Emergent Religions**, n. 3, vol. 9, fevereiro 2006, pp. 24–38.
- SLOTERDIJK, P. A natureza por fazer: O tema decisivo da época moderna. In: CARDOSO, Rui Mota (Org.). **Política**: Agamben; Marramao; Rancière; Sloterdijk. Porto, PT: Fundação Serralves, 2008, p. 103-128.
- SPINOZA, B. **Ética**: demonstrada à maneira dos geômetras. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- STENGERS, I.; PIGNARRE, P. **The capitalist sorcery**: breaking the spell. Paris: La Découverte, 2005.
- STENGERS, I.; PIGNARRE, P. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- STRAPPAZZON, A. L. **Malucos de estrada**: experiência nômade e produção de modos de vida. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.
- TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- WEBER, A. **Matter and desire**. [Vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AXYF6OivP2U>>. Acesso em 7 jul. 2020.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2016.
- YXAPYRY, K. **"Ecologia e cosmovisões**: espiritualidade, política e ambiente". [Mesa]. Org.: Ve-reador Marquito. Câmara Municipal de Florianópolis, 27 jun. 2019.